

DONALD PIERSON E A SOCIOLOGIA, NO BRASIL

Renato PACHECO

INTRODUÇÃO

Em agosto de 1953, jovem Catedrático do Ensino Secundário, por concurso de títulos e provas, realizado em 1951, tive meu currículo aprovado pelo Conselho Federal de Educação para lecionar na recém-instalada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Espírito Santo. Havia pouquíssimas escolas do gênero, no país, e raros eram os professores com titulação para as novas cátedras. Tive a honra de, na ausência momentânea do Professor Onofre de Arruda Penteadado, da USP, ministrar a 1ª aula na novel faculdade versando o tema “observações gerais sobre o ensino da história”.

Diante da presença entre nós da chamada “missão paulista”, composta dos professores Atos da Silva Ferreira, de geografia, Douglas Teixeira Monteiro de Antropologia, e sua senhora Professora Marilda Monteiro, de Latim, e de Wilson Cantoni, de sociologia, a que se juntou, depois, o Prof. Antônio Pinto de Carvalho, da Universidade de Coimbra, nós, os ilhéus, nos sentimos um pouco intimidados. Eu pessoalmente sentia falta de estudos pós-graduados, pois era apenas bacharel em direito, “como toda a gente”, como se dizia, à época. Fiz ver a meu mentor e amigo, Mestre Guilherme Santos Neves tal necessidade, pois o curso daria qualificação específica para o magistério superior. Ouvido o Governador, e maior incentivador da Faculdade, Jonas Santos Neves,

aplaudiu meu desiderato, e, estudadas as diversas opções disponíveis, inscrevi-me nos cursos seqüenciais e no mestrado da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, onde pontificava o Prof. Donald Pierson.

Cheguei à Capital Paulista um mês antes das aulas, tímido e temeroso do que ia encontrar na grande cidade. O Professor cujas aulas mais me interessavam estava ainda de férias, nos Estados Unidos. Para não perder tempo, fiz curso de extensão com o Prof. Florestan Fernandes, na Faculdade da rua Maria Antônia.

Em fins de fevereiro de 1954, finalmente encontrei o Prof. Dr. Donald Pierson, que concordara em me entrevistar em um dos salões do Hotel Excelsior, à Avenida Ipiranga, no centro da Cidade.

Conversamos, e o professor, baixinho e gordote, lembrando, no físico, o Prof. Guilherme Santos Neves, sorridente, depois de questionar-me com acurácia, aceitou que eu me inscrevesse em seu seminário “A família no Brasil”.

No velho sótão da Escola Álvares Penteado, no Largo de São Francisco, iria, uma vez por semana, encontrar o mestre norte-americano, a simpática secretária Maria Izabel dos Santos, com seu peculiar sotaque de Tatuí, e os colegas Hiroshi Saito, Alfonso Trujillo Ferrari, Pe. Aldemar Moreira S. J., Márcia Alves de Souza e Esdras Borges Costa. Cada aluno recebia, para levantamento de hipóteses, um clássico das ciências sociais brasileiras, o que, ao final, deu origem a diversos artigos publicados na pioneira revista **Sociologia**, inclusive meu pequeno ensaio “Alguns aspectos legais do casamento no Brasil” (outubro, 1954).

Foi ano de muito estudo (e muitas festas, também, pois se comemorava o IV Centenário de Fundação de São Paulo). Ainda cursávamos as matérias seqüenciais (uma espécie de graduação condensada para os oriundos de outros cursos superiores) com os professores Oracy Nogueira, Antônio Rubbo Muller, Octávio da Costa Eduardo, Fernando Altenfelder Silva, Mauro e Juarez Brandão Lopes, e entre os convidados Sergio Buarque de Holanda e Antônio Cândido.

O professor Donald Pierson dava a todos os alunos uma atenção inusitada, no Brasil, inclusive convidando-nos para almoçar na

bela casa que alugara no Brooklin Paulista, bairro então longínquo a que se chegava pelo bonde de Santo Amaro.

Ao fim do ano, satisfeito com meu desempenho, o professor requeceu a seu grande amigo Prof. Anísio Teixeira que a Campanha de Aperfeiçoamento do Ensino Superior (CAPES) me concedesse bolsa para conclusão do mestrado, o que foi deferido para o ano de 1956, quando o Prof. Pierson, por motivo de saúde, já deixara o Brasil.

Atacado de virulenta herpes zoster intercostal, o Professor deixou o magistério, voltando a sua pátria num Constellation da Panair. Sua dedicada esposa D. Helen Batchelor Pierson foi obrigada a viajar com a volumosa bagagem de objetos pessoais e livros, por via marítima.

O navio parou em Vitória, e a bondosa senhora foi nos visitar. Chegando a nossa casa, na rua 7, a empregada informou-lhe que Tilda, minha esposa, fora operada de vesícula, e eu a acompanhava no Hospitas da Santa Casa de Misericórdia de Vitória Indagando como se chegava lá, a moça disse-lhe singelamente:

- É só acompanhar a linha do bonde.

Pois não é que D. Helena acompanhou os trilhos da Central Brasileira e nos fez honrosa visita?

Não mais encontrei o mestre dedicado, mas tive durante mais de vinte anos correspondência com ele. Em 1955, mantive em **O Diário** de Vitória uma secção de entrevistas, **Conversa a dois**, em que ouvia desde Adecândido, maquinista da Vale, o vendedor de jornais Flávio, até os mais importantes escritores locais como Augusto Lins, Antônio Pinto de Carvalho, Alvinho Gatti, José Carlos Oliveira, Newton de Freitas, Mario Leônidas Casanova, Tulo Hostílio Montenegro e Carlos Madeira.

No dia 10 de agosto daquele ano tive o prazer e honra de publicar a entrevista com Donald Pierson, resumindo as respostas por carta enviadas, e na qual ele defendia a profissionalização do professor universitário, em dedicação exclusiva. Mostrou sua surpresa ao chegar à Bahia, na década de 30 do século passado, e descobrir que Nestor Duarte,

com o qual fez amizade, era, a um tempo, jornalista, advogado, professor de Direito e “deputado estadual”.

Pela grande admiração que tenho pelo Mestre, desejo ressaltar a extraordinária figura humana que ele foi, ainda mais que está quase esquecido na história de nossa ciência social. No Brasil ele viveu 18 anos e muito fez pelo desenvolvimento da sociologia científica.

I. PIERSON NO BRASIL

Donald Pierson nasceu em 8 de setembro de 1900, na cidade famosa das 500 milhas, Indianápolis, Indiana, Estados Unidos da América do Norte, de onde, aos seis anos, se mudou, com a família, para o Kansas. Em 1920 terminou o “College” em Emporia, Kansas, e graduou-se, em 1927, na Universidade de Chicago, então o mais reputado centro de estudos sociológicos do país, onde pontificava Robert Ezra Park, estimado professor de Pierson.

Veio a época da grande depressão e o jovem bacharel, recém casado com D. Helen Batchelor, teve que lecionar para custear sua pós-graduação, fenômeno comum, no Brasil, mas muito raro nos Estados Unidos. Entre 1935 e 1937, ministrou Seminário “Raça e Cultura” na Fisk University, em Nashville, Tennessee, datando daí seu acentuado interesse pelos estudos interraciais.

Com bolsa da Universidade da Chicago, passou dois anos na Bahia, de onde resultou as tese de doutoramento, defendida, **cum laude**, em 1939, sobre Brancos e Pretos no Brasil, que, ao ser publicada, em 1942, mereceu o Anisfield Award, como o melhor livro erudito e científico do ano.

Convidado, a seguir, a lecionar em São Paulo, para a grande metrópole se mudou em 1941, como professor catedrático da Escola de Sociologia e Política, onde criou a Divisão de Estudos Pós-graduados, aí permanecendo até 1955.

Na Escola, sempre demonstrou sua capacidade de trabalho, com o uso da metodologia científica no campo das ciências humanas, o que era pouco aplicado, então, no Brasil.

Lembra Vamireh Chacon (Chacon, 1977, p. 100 a 104) que logo depois da derrota de São Paulo na Revolução Constitucionalista de 1932, líderes empresariais, sentindo a necessidade de se repensar o país, coordenados por Robert Simonsen, “doublé” de empresário e intelectual, lançaram, em 1933, o Manifesto de fundação da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, a qual, em 1938, foi integrada à Universidade de São Paulo, como “instituição complementar” e hoje é fundação particular.

Nesse manifesto ficou dito que “as elites dirigentes não mais podiam dispensar de seu serviço o trabalho de quadros técnicos especializados em “Ciências Sociais”.

O objetivo da novel escola era, destarte, formar novos técnicos que orientassem e dirigissem a expansão econômica do Estado e do país.

Para tal fim, a exemplo da própria USP de Armando Salles de Oliveira, foram, de início contratados professores estrangeiros. A ESP recebeu, também, da Fundação Rockefeller, uma preciosa doação de livros básicos, com obras que muitos professores europeus só vieram conhecer, em São Paulo.

Aos de fora, se uniram os luminares da cultura paulista, à época, como Mário de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda, Sérgio Milliet, e inclusive o próprio Roberto Simonsen, de cujas aulas resultou uma conhecida **História Econômica do Brasil**.

A Escola se tornou uma espécie de referência, para o que, na época, se entendia bons cursos de sociologia, economia e política.

Ainda segundo Chacon, seguia ela uma linha empírica anglo-saxônica, com, entre outros, os professores A. R. Radcliffe-Brown (Oxford), T. Lynn Smith (Lousiana), Kalevo Oberg (Smithsonian) “e principalmente Donald Pierson, da Universidade da Chicago”.

Em 1945, para atender a seus alunos, e especialmente ao crescente mercado nacional do livro didático, editou através da prestigiada Biblioteca de Educação da Cia. Melhoramentos de São Paulo, o prestante livro **Teoria e pesquisa em sociologia**, em cujo prefácio o emérito educador Lourenço Filho disse que a contribuição do Prof. Donald Pierson “no

desenvolvimento da sociologia no Brasil, tem sido por todas os títulos, das mais fecundas e proveitosas, dirigida como é no sentido de imprimir-lhe o cunho realmente científico”. Isto naquele recuado ano, e, a obra teve 18 edições, até 1981, sempre reformulada pelo Autor, e que foi usada por milhares de estudantes.

Além disso, mantinha Pierson correspondência com estudiosos no Brasil e exterior; dirigiu com Emílio Willens a revista **Sociologia**, fez inúmeras conferências de divulgação – as ciências sociais eram então novidade – somente em São Paulo, como no Rio, Santa Catarina e Minas Gerais; dirigiu o programa de pesquisa em antropologia social da Smithsonian Institution, de Washington, D. C., e coordenou a famosa Coleção de Ciências Sociais (1943–1949) da editora Martins, que divulgou, em português, doze obras importantes, como, **O homem** de Ralph Linton e **Criminologia** de Edwin Sutherland.

Como já se disse, Pierson viera de importante núcleo de estudos sociológicos, em Chicago, e, aqui, como confessa Mariza Correia (Correia, 1987) implantou sistema semelhante.

Seu propósito central, diz ele, era preparar alunos como pesquisadores, lembrando o nome dos primeiros, entre outros, Mauro Brandão Lopes, Octávio da Costa Eduardo, Oracy Nogueira, Carlos Borges Teixeira, Mario Wagner Vieira da Cunha, Levy Cruz, Juarez Brandão Lopes, Fernando Altenfelder Silva e Alceu Maynard Araújo.

É interessante observar que alguns de seus alunos desenvolveram certa antipatia ao escorço metodológico de Pierson; outros, envolvidos em anti-americanismo crescente, em São Paulo, também manifestaram sua aversão ao professor “estrangeiro”.

Não tenhamos dúvida, Pierson era uma espécie de missionário e tentava divulgar, no Brasil, maneira empírica de estudar a sociedade, não uma sociologia norte-americana, mas o enfoque que vem de pioneiros da ciência, como Emile Durkheim, ao qual Pierson dedicou **Teoria e Pesquisa em Sociologia**. Estávamos diante de uma forma de conhecimento criada no Ocidente, a partir do século XIX para estudar a sociedade capitalista.

2. PRINCIPAIS OBRAS

Em 1942, Pierson lançou pela Chicago University Press, **Negroes in Brazil: a study of race contact in Bahia**, que em vernáculo, saiu como **Branços e pretos na Bahia**, São Paulo, CEN., vol. 241, 2ª edição, 1971, no qual, tenho a honra de ser citado, à página 25, pela modesta ajuda dada ao preparo à introdução daquela edição.

Neste livro estuda o A., com profundidade, o cenário; a escravidão; a miscigenação; raça e **status** social; herança africana e a “situação racial” bahiana.

No livro didático já referido, **Teoria e pesquisa em sociologia** o A. defende seu ponto de vista, a caminho de uma sociologia sistemática; conceitos fundamentais e fornece bibliografia selecionada. Nenhum outro livro, nesse campo específico, teve tantas edições em tão largo lapso temporal (1945 – 1981) sendo lamentável registrar que, em 26 de março de 2001, a editora comunicou-me que não mais possuía dados sobre o A. que tanto lucro lhe propiciara.

A seguir, em 1957, Pierson publicou **Cruz das Almas, a brazilian Village**, com a assistência de Levy Cruz, Mirtes Brandão Lopes, Helen Batchelor Pierson, Carlos Borges Teixeira e outros. Em português, constitui o volume 124 da Coleção Documentos Brasileiros, da Editora José Olimpio, lançado em 1966. Tenta obra, dentro da linha dos “estudos de comunidade”, analisar, por inteiro, uma vila, sua história, a base ecológica, sociedade e cultura, com bibliografia e glossário.

Em 1972, depois de insana luta com a burocracia, Pierson lançou, pela Superintendência do Vale do S. Francisco (Suvale) do Ministério do Interior o monumental trabalho **O homem no vale do São Francisco**, em 3 tomos, e 1500 páginas, nas quais se estuda a região, sua história; a gente; o sustento; sociedade e cultura; ciclo vital do indivíduo, a que o A. agregou interessantes sugestões para pesquisas futuras e para o planejamento social. Mais uma vez sinto-me ligado a esta obra, pois durante quase um ano auxiliei na classificação e arquivamento (em caixas

de papelão tipo sapato) milhares de fichas datilografadas contendo notas de campo dos diversos pesquisadores.

3. ÚLTIMOS ANOS

Posteriormente à saída do Brasil, nosso biografado, logo que se curou, sempre ativo, fez pesquisas também no México, para a União Pan-Americana, e Espanha e Portugal (1963 – 1964) para a Fundação Guggenheim, tendo sido, em 1966, Fulbright Lecturer, em Portugal, de que resultou um texto sintético “National images in Portugal and Spain”, a preliminary view, publicado *In memoriam* de Antônio Jorge Dias, vol. VII, Lisboa, 1974.

Aposentando-se, definitivamente, o grande professor e sua esposa, como tantos outros conterrâneos seus, passou a morar na Flórida, onde veio a falecer, em 1995, na cidade de Leeburg.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os inúmeros e volumosos arquivos pessoais do Prof. Donald Pierson foram distribuídos em 2 partes:

1ª) Está na Fundação João Pinheiro de Belo Horizonte, M. G. com a maior porção dos documentos referentes à pesquisa do Vale do São Francisco;

2ª) Está nas Coleções Especiais da Universidade da Flórida, USA, em 10 caixas, abrangendo leituras de sociologia; estudo do homem; o estudo do São Francisco; etiqueta no Brasil e Portugal; imagens nacionais na Espanha, Portugal e Brasil; fichas de pesquisa e parte do estudo do Vale do Rio São Francisco.

Entre as recomendações que o saudoso mestre deixou ao planejador social (Pierson, 1972, p. 471) considerou ele, primeiramente, que a “introdução deliberada de mudança social é empreendimento difícil, e, não raro, precário” donde:

- 1º) É mister conhecer-se a cultura em que se vai atuar.
- 2º) Verificar o potencial da comunidade escolhida.
- 3º) Começar com um projeto pequeno, como em 1953, na Coréia do Sul, com um só especialista da ONU.
- 4º) Formular um programa integrado.
- 5º) Fazer seleção cuidadosa do local.
- 6º) Fazer seleção cuidadosa das pessoas.
- 7º) Não ameaçar nunca a margem de segurança material de ninguém, na comunidade, para não criar inimigos ao projeto.
- 8º) Apelar para os valores pragmáticos da comunidade.
- 9º) Seguir a melhor seqüência no lançamento do programa.
- 10º) Utilizar as lideranças locais.
- 11º) Fazer pagamento “simbólico” por tudo que se faz no projeto, pois o gratuito não tem valor.

Como se vê, sugestões atuais raramente seguidas por nossos planejadores sociais.

Para concluir, duas curiosidades que vinculam Donald Pierson ao Espírito Santo.

Em 1955 ele quase veio lecionar em nosso Estado, num programa que envolvia o estudo do Vale do Rio Doce sob os auspícios da Fundação Ford. O projeto só não se concretizou porque o querido e também saudoso Prof. José Leão Nunes, então Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do E. Santo se recusou, peremptoriamente, a assinar uma carta-solicitação em inglês, considerando tal fato uma diminuição a sua condição de professor de nossa língua e um desrespeito à lei que obrigava que em língua vernácula fossem redigidos os documentos oficiais.

A segunda é que o também querido e saudoso Des. José de Oliveira Roza, em seu livro **Mensagens do amor cristão. Espíritos diversos**, Vitória, Lumière, 1997, à página 55, sob o título “Fraternidade e riqueza”

transcreveu mensagem psicografada, atribuída a Donald Pierson que conclui: “todos devemos trabalhar na distribuição do amor entre os homens, facilitando assim a distribuição justa da riqueza”. Onde ele estiver, peço desculpas do eminente Desembargador, pois, no primeiro momento, lhe assegurei que o Prof Pierson estava vivo ainda, o que, consoante verificação posterior, se verificou não ser verdadeiro.

A Escola de Sociologia e Política de São Paulo não desfrutava mais do prestígio nacional que teve nas décadas de 30 e 40 e 50. Sua fama, então, se deveu, em grande parte, à presença, em seu corpo docente, do ilustre Prof. Dr. Donald Pierson.

BIBLIOGRAFIA

CHACON, Vamireh – **História das idéias sociológicas no Brasil**. Edusp, Grijalbo, 1977.

CORREIA, Mariza – **História da antropologia no Brasil 1930-1960** S. Paulo, Unicamp, 1987.

FREITAS Marcondes, José Vicente. “O sociólogo Donald Pierson e o Brasil” in **Problemas brasileiros**, agosto, 1982, p. 21 e sgts.

PACHECO, Renato – “Conversa a dois” in **O Diário**, Vitória, ES, 1955.

PIERSON, Donald – **Branco e pretos na Bahia**. São Paulo. CEN. Brasileira, vol. 241, 2ª ed., 1974

PIERSON, Donald – **Teoria e pesquisa em sociologia**. S. P. Melhoramentos. 18ª ed., 1981.

PIERSON, Donald – **Cruz das almas, a brazilian Village**. Washington, D. C. Smithsonian, 1951.

PIERSON, Donald – **O homem no Vale do São Francisco**, 3 volumes, Minter, Suvale, 1972.